

2-X-1983

A Catedral Metropolitana de Campinas está comemorando seu centenário de construção neste ano. Dedicada a Nossa Senhora da Conceição, o templo constitui-se em arte de entalhe e triunfo de madeira e sua história. Iniciada em tempos de Brasil Colônia, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição só veio a ser inaugurada em 1883, setenta e seis anos depois de iniciada, fato que testemunha a excelência e o cuidado de sua construção.

Todo o trabalho de construção da Catedral iniciou-se com uma reunião de 39 cidadãos idealistas, a 6 de outubro de 1807, na então vila de São Carlos, perante o ouvidor-geral e corregedor, Miguel Antônio de Azevedo Veiga. Após o primeiro plano de construção, teve início uma campanha para arrecadação de fundos e as primeiras escavações.

A arte com que o projeto todo da Catedral foi concebido e executado, desde o majestoso aspecto externo até o interno, que proporcionam a valorização máxima do ambiente, combina-se com o tom e a aparência geral dos entalhes. A fidelidade surpreendente que pode ser encontrada nas figuras sagradas, a meticulosidade que pode ser observada em cada entalhe a tornam uma parada obrigatória para todos os que visitam Campinas. Tanto isso é verdade que a Catedral foi tombada pelo Patrimônio Histórico, no ano passado.

Sofrido começo

Em 1808, famílias ilustres à frente da administração das obras, a começar pelo capitão Felipe Nery, descendente dos Teixeira Nogueira, deram grande impulso à construção, lançando a primeira camada de taipas. Seguiu à frente das obras de taipas, piladas diariamente pelo braço escravo, aquele outro grande administrador, tenente-coronel Joaquim Aranha.

Após esse impulso inicial, surgiram as primeiras dificuldades, com paralisações continuadas, por força dos acontecimentos políticos e econômicos, ocasião em que ocorriam as lutas pela Independência. Depois, nos anos agitados da Regência ou ainda no período da crise canavieira, ou na Revolução de 1842, iniciada no combate de Venda Grande, ou finalmente na Guerra do Paraguai.

Em 1840, conseguiram terminar as obras de pilar e taipas e cobrir a capela-mor e a sacristia. O corpo da Matriz foi coberto de telhas, em 1845, na administração de Joaquim José Santos Camargo. Dois anos após, o venerando capuchinho frei Bartolomeu Marques fazia suas pregações no interior do Templo.

Agilizando as obras

Os trabalhos de construção se prolongaram tanto que Hércules Florence assim se expressou em seu livro "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas": "Em Campinas teve início uma grande igreja, há 23 anos, um prazo que representa mais da metade do que foi necessário para a construção do Templo de Salomão, uma das maravilhas do mundo".

A partir de 1848, Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto passou a coordenar a administração da obra. Ele procurou aumentar a receita e iniciar as obras de arte, que constituem uma das maiores riquezas do templo. O cidadão português Antônio Francisco Guimarães, conhecido pelo apelido de Baía, habitante de Campinas desde 1819, mandou vir de Salvador, às suas expensas, uma equipe de entalhadores hábeis que ficou incumbida dos trabalhos de ornamentação interna da Igreja. Esta equipe era chefiada por Vitorino dos Anjos Figueiroa.

Esta conceituada equipe de entalhadores juntou-se a outra equipe

Catedral Metropolitana: uma história dividida em duas partes. Antes e depois da inauguração



— de artesãos — em 1853 e principiam a seguir os trabalhos finais de ornamentação. Nessa época, formaram também um corpo de aprendizes (escola), de onde saíram mestres que se sobressaíram em anos seguintes.

A partir de 1862, o administrador de obras, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, foi para o Rio de Janeiro e organizou ali um corpo de entalhadores, chefiados pelo artista fluminense, Bernardino de Sena Reis e Almeida, contratado para executar novas obras de arte.

Idealismo

Mas tudo isso ainda era pouco para os idealistas campineiros.

Até fins de 1865, o entalhador fluminense terminou os altares dos cantos da grande nave, os laterais e as capelas. Mas a ânsia de perfeição levou ainda Sampaio Peixoto ao Rio para aí contratar uma nova fachada da igreja, em substituição à de taipas. Com as escavações, que atingiram 9 metros de profundidade, a umidade do solo e as chuvas prolongadas provocaram o desmoronamento. Este triste acontecimento moveu a cidade, ocasionando perdas materiais e a morte de inúmeros operários.

Em março de 1873 foi votada na Câmara a lei de Campos Salles, concedendo um empréstimo de 100 contos de réis para a conclusão das obras.

A reconstrução da fachada foi iniciada surgindo outro desastre: quando as obras estavam já na metade, foi preciso derrubar parte já

construída, acirrando discussões entre a vereança e a administração, exigindo daí nova paralisação das obras.

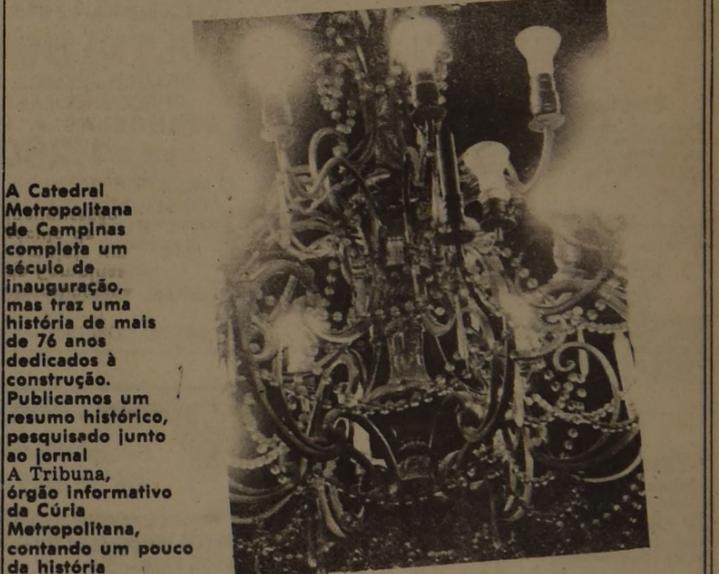
Conclusão e reformas

Em 1875 foi assinado um novo contrato para a conclusão da fachada mas as obras não puderam ser concluídas em razão da falência do Banco Mauá, onde estavam depositados os saldos financeiros da Igreja. O resgate deste valor pode ser feito somente em 1883, com a liquidação da falência daquela empresa.

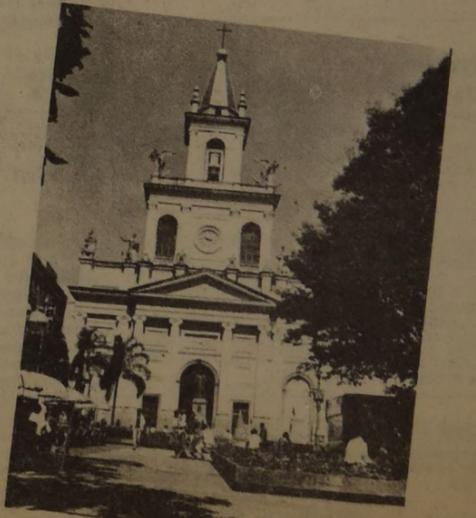
Em 1876, a Câmara aprovou um contrato com o engenheiro italiano Cristóvão Bonini, levantando-se a fachada com a torre assiria, que coroa o templo. Mais alguns anos de trabalho e, em 12 de julho de 1879, era colocada a cruz no alto da torre.

O engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, encarregado pela Câmara, em setembro de 1880, de fiscalizar e administrar tecnicamente as obras da nova matriz, deuse por concluídas em dois anos, ao mesmo tempo, contratavam-se os artistas Torrini, para o trabalho de pintura dos vidros e Pocerio Fontan, para os ladrilhos de mármore.

De 6 a 9 de dezembro de 1883, finalmente realizaram-se as solenidades da inauguração do templo, a igreja matriz de Campinas, que hoje é a Catedral Metropolitana, a igreja-mãe da Arquidiocese, a sede do Arcebispado, englobando 18 municípios com um total de 74 paróquias. Foram 76 anos de trabalhos até sua inauguração e seguiram-se mais 68 anos com sucessivas reformas.

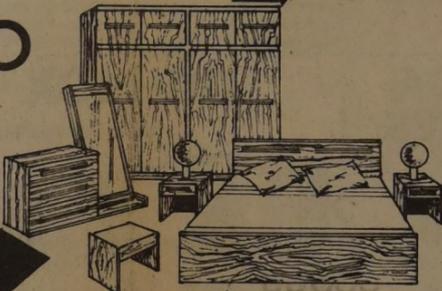


A Catedral Metropolitana de Campinas completa um século de inauguração, mas traz uma história de mais de 76 anos dedicados à construção. Publicamos um resumo histórico, pesquisado junto ao jornal A Tribuna, órgão informativo da Cúria Metropolitana, contando um pouco da história deste Patrimônio Histórico Nacional, a Catedral dedicada a Nossa Senhora da Conceição.



na LIDER

a loja do povo
você sempre
compra
melhor!!!



DORMITÓRIO BERGAMO DUPLEX EM PADRÃO CEREJEIRA ALTA QUALIDADE.

a vista 99.000,
ou 15x 13.540,
total 203.100,



DORMITÓRIO BERGAMO COMPACTO EM PADRÃO JACARANDA FINO ACABAMENTO.

a vista 64.900,
ou 15x 8.200,
total 123.000,



Dom Vital e seu Malogro

GILBERTO FREYRE

É possível que de algumas das páginas de um trabalho, sobre dom Vital, do professor Nilo Pereira, que está a pedir nova edição, possam dizer os adeptos tanto de uma história com pretensões a inteiramente científica como de uma sociologia também com pretensões a puramente científica que, nessas páginas, vibrantes e intensas, o autor peca contra a objetividade nos estudos históricos e nas interpretações sociológicas: trata-ria subjetivamente dom Vital como a um herói carlyliano. Não hesitaria em caracterizá-lo como herói e até mártir; em acentuar-lhe os traços romanticamente heróicos; em exaltar-lhe virtudes que só se compreenderiam em figuras heróicas se essas figuras existissem para o historiador ou para o sociólogo.

Mas será que, para atender aos clamores, por vezes subjetivistas, desses objetivistas absolutos, deva um moderno estudioso de História ou de Sociologia sistematicamente considerar impossíveis heróis, mártires, santos? Será que devem ser heróis, mártires, santos, considerados apenas míticos — no sentido de falsos e não no valorizado por Sorel — nunca verdadeiramente históricos ao mesmo tempo que idealizadamente míticos? Não haverá, nessa atitude, exageradamente anti-heróica, uma como conspiração de mediocres unidos, ou reunidos, contra os homens excepcionais, contra os grandes criadores, contra os superiores pelo gênio ou pela virtude em qualquer das suas expressões mais altas? São perguntas que se impõem em face do simplismo com que os mediocres reunidos pretendem, sem mais aquela, reduzir os superiores à sua própria mediocridade, sentenciando: não há superiores como indivíduos ou como personalidades, sejam conservadores ou insubmissos.

Aliás, uma das retificações mais vigorosas a esse simplismo arbitrariamente uniformizador está partindo de atualíssimos cientistas e pensadores especializados no estudo do Homem. No estudo biológico, psicológico, sociológico, do Homem. Com efeito, em número recente de uma publicação de Washington que se apresenta como "a Journal of Forecasts, Trends and Ideas about the Future" — avançadíssima, portanto, em suas perspectivas — todo um artigo é dedicado a "The Beautiful Person". Artigo assinado por um psicólogo, professor de Universidade: o professor Landsman.

Que é a "Beautiful Person" para esse psicólogo moderníssimo? O mesmo que a "Super-Person" para outros. E quase o mesmo o que o "Real Superior" era para Carlyle. Trata-se do "herói carlyliano" reabilitado numa personalidade "highly productive", o qualificativo de "belo" para esse tipo humano superior implicando na identificação de beleza com a virtude excepcional, com o gênio criador, com a santidade irradiante. Aceito esse sentido de "belo" para a caracterização da "super-person", foi belo dom Vital como foi belo Joaquim Nabuco; foi belo o feio Gandhi como foi belo o deformado de corpo Aleijadinho. Cada um deles, a seu modo, um herói: uma super-pessoa. Uma pessoa grandemente, escandalosamente até, excepcional mesmo através de desacertos. E essencialmente "bela" mesmo quando feia no físico. Temos que admirar os de personalidade "bela", por mais feios; ou por mais que tenham cometido desacertos.

O caso de dom Vital. O de José Bonifácio. O de Caxias. O de

Rui. Pode-se encontrar nos seus atos, nas suas orientações, nos seus ideários, nos seus modos de ser brasileiros, não pouco que criticar. Que considerar, quer para as suas épocas, quer para as épocas que as sucederam, inadequado a interesses ou valores do seu País ou, no caso de dom Vital, da própria instituição — a Igreja Católica — de seu maior amor.

Mas o "belo" de suas personalidades heróicas independe dessas suas relações com tais valores. Irradia deles à revelia de atos que possam ser considerados erros do ponto de vista social ou coletivo.

Focalizado, em páginas de mestre, pelo historiador católico Nilo Pereira, de modo inteligentemente apologético, dom Vital emerge de páginas também idôneas, de ilustre historiador de formação protestante — o professor Davi Gueiros Vieira, da Universidade de Brasília, de modo algum identificado com a Igreja Católica animada pelo mais carismático dos bispos que o catolicismo deu ao Brasil — como figura, à revelia de seus acertos ou desacertos, "bela" pela sua jovem inteligência a serviço de causa, para ele, mística e não apenas social: o da ortodoxia católica. Caso semelhante ao desse outro ortodoxo, do qual se pode concluir ter sido bom para o Brasil o seu malogro, que foi o também romântico Saldanha da Gama. O Saldanha da felizmente, para o futuro brasileiro, fracassada Revolta da Armada.

Gilberto Freyre é sociólogo, ex-deputado federal, ex-deputado constituinte (1946), ex-delegado brasileiro à Assembléa Geral da ONU e autor do clássico "Casa Grande e Senzala".

Folha de S. Paulo

17-VIII-1979

Sindicato

Estabelecim

A CAMPANHA S/

Mais uma vez o diálogo, distribuição

Os banqueiros política, mantêm bancários.

Ao invés de qualquer prop

A greve contra a pol banqueiros, econômica.

O Ca sendo n "endure

e política do País

O gover e de

de sc b